

EDUCAÇÃO E TRANSGRESSÕES: EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE LEITURA

Tayane dos Santos Ferreira ¹
Ágatha Vitória Rodrigues dos Santos ²
Aristeu Portela Junior ³

RESUMO

O grupo de leitura "Educação e Transgressões" surgiu a partir do projeto de pesquisa "Investigando caminhos de transgressão: perspectivas decoloniais e queer nas teorias e práticas educacionais", coordenado pelo Professor Aristeu Portela Júnior (UFRPE). O grupo tem como objetivo transgredir hegemonias e opressões manifestadas nas perspectivas e práticas políticas, teóricas e epistemológicas dos participantes, por meio de encontros presenciais e debates livres. Como leitura inaugural, escolhemos o livro "O Pacto da Branquitude" (2022), de Cida Bento, obra que discute os acordos silenciosos que sustentam privilégios e desigualdades raciais no Brasil. O projeto do grupo de leitura teve como objetivos refletir criticamente sobre o conceito de "pacto da branquitude" apresentado pela autora, promovendo debates coletivos que articulassem o tema com experiências pessoais e a futura prática pedagógica dos participantes. Além disso, buscamos incentivar a leitura crítica e o aprofundamento na compreensão das estruturas do racismo e da branquitude. Realizamos no ano de 2023 dois encontros presenciais. Ao total tivemos 30 participantes inscritos, entre eles estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Letras, Química, Ciências Biológicas e do Bacharelado em Ciências Sociais. As principais motivações para as inscrições incluíram o desenvolvimento pessoal e profissional, o interesse pela temática racial, a realização de atividades extracurriculares e afinidades com a metodologia proposta. As discussões foram realizadas nos dias 29/11/2023 e 05/12/2023, no Bloco B do Departamento de Educação da UFRPE. A partir dos principais temas abordados pela autora, foi possível pensar em frases e perguntas geradoras para iniciar o diálogo de cada encontro, articulando experiências individuais, familiares, profissionais e acadêmicas. Assim, foi possível ampliar nosso entendimento sobre o pacto narcísico, branquitude, colonização europeia e capitalismo racial. A realização dessa atividade é avaliada como inovadora dentro do Departamento de Educação e contribui para a produção de espaços de diálogos que vão além dos componentes curriculares.

Palavras-chave: Grupo de Leitura, Relações raciais, Universidade, Atividades complementares, Branquitude.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, tayane.ferreira@ufrpe.br;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, agathavit26@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em Sociologia e Professor do Departamento de Educação (DEd) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, aristeu.portela@ufrpe.br.



O presente artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência do grupo de leitura "Educação e Transgressões". A iniciativa surgiu do desejo de construir um espaço coletivo de debate e estudo voltado à problematização de hegemonias e opressões que atravessam as práticas educacionais, com ênfase nas questões étnico-raciais e na formação docente crítica.

A escolha da obra "O Pacto da Branquitude" (Bento, 2022) como leitura inaugural foi motivada pela relevância de sua contribuição para o entendimento das estruturas que sustentam o racismo e os privilégios da branquitude no Brasil. O livro propõe uma análise profunda sobre os acordos silenciosos que mantêm a desigualdade racial no Brasil. Refletimos que, no contexto universitário, temas como esse ajudam na formação de futuros profissionais mais conscientes e comprometidos.

Como base teórica, dialogamos com autoras como bell hooks, Selma Garrido Pimenta, além de Cida Bento. A metodologia foi fundamentada na observação participante e nos registros produzidos durante os encontros presenciais realizados no Departamento de Educação da UFRPE, nos dias 29 de novembro e 5 de dezembro de 2023. O grupo contou com a participação de cerca de 30 estudantes dos cursos de licenciatura e bacharelado, que compartilharam percepções e experiências pessoais a partir dos capítulos iniciais da obra escolhida.

As discussões se organizaram em torno de três eixos principais que foram abordados nos três primeiros capítulos da obra, foram eles: o pacto narcísico da branquitude, a relação entre branquitude e colonização europeia, e o capitalismo racial. Depois de ler os capítulos, o grupo conversava sobre os temas, ligando suas experiências pessoais e profissionais à obra.

Concluimos que o grupo "Educação e Transgressões" representa uma ação significativa para o fortalecimento de uma educação antirracista dentro da universidade, abrindo caminhos para novas práticas e pesquisas comprometidas com a transformação social.

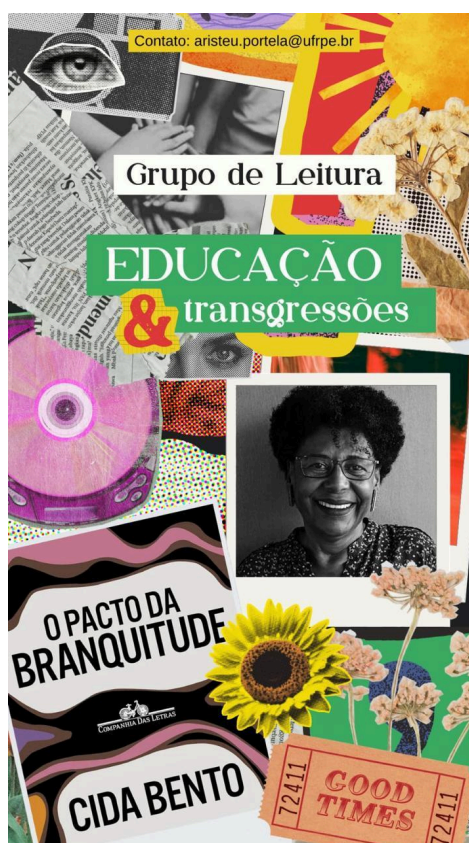
METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho é fundamentada na experiência vivenciada no grupo de leitura "Educação e Transgressões", vinculado ao projeto de pesquisa de mesmo nome, coordenado pelo professor Aristeu Portela Júnior (Departamento de



Educação - UFRPE), e que contava então com a discente Lauane Xavier Lira, do curso de Licenciatura em Pedagogia, como bolsista de Iniciação Científica.

A proposta foi idealizada coletivamente pelos integrantes do grupo de pesquisa, com o intuito de criar um espaço de diálogo e troca de conhecimentos sobre relações étnico-raciais. Após o planejamento inicial, a iniciativa foi divulgada por meio de uma publicação no Instagram e em grupos da universidade no WhatsApp, acompanhada de um link para um formulário de inscrição. Esse formulário teve o objetivo de identificar o perfil dos interessados e suas motivações.



A partir das respostas, formou-se um grupo composto por cerca de 30 estudantes de diferentes cursos de licenciatura e bacharelado, com predominância do curso de Pedagogia. Os encontros aconteceram presencialmente no Departamento de Educação da UFRPE, nos dias 29 de novembro e 5 de dezembro de 2023, sob coordenação do professor Aristeu Portela Júnior.

Como base para elaboração de perguntas geradoras para o debate no grupo de leitura, utilizou-se da obra "O Pacto da Branquitude" (2022), de Cida Bento. Essa dinâmica visou estimular a troca de experiências pessoais, acadêmicas e profissionais dos participantes.



O principal instrumento de coleta de dados foi a observação participante e anotações realizadas durante os encontros e pela análise das informações do formulário de inscrição, utilizado para identificar o perfil dos participantes. A seguir, apresenta-se uma síntese das informações obtidas a partir do formulário de inscrição, com o objetivo de caracterizar o grupo participante da pesquisa:

Total de participantes	30 estudantes inscritos
Cursos representados	Pedagogia, Letras, Química, Ciências Biológicas e Ciências Sociais
Curso predominante	Licenciatura em pedagogia
Período predominante	2º ao 5º período
Principais motivações	Interesse em questões raciais e antirracismo; desenvolvimento pessoal e profissional; desejo de participar de atividades extracurriculares
Tipo de participação	Encontros presenciais com debates e trocas de experiências

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha da obra "O Pacto da Branquitude" (2022), de Cida Bento, foi fundamental para orientar as reflexões do grupo de leitura. A autora é uma referência em estudos sobre branquitude e racismo no Brasil. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Cida Bento foi uma das primeiras a estudar a branquitude no Brasil. Co-fundou o CEERT em 1990, uma organização voltada para a promoção da equidade racial e de gênero no trabalho, na educação e na justiça. Cida também foi eleita pela revista The Economist como uma das 50 pessoas mais influentes do mundo na promoção da diversidade em 2015. Seu trabalho é fundamental para a capacitação e inserção de mulheres negras no mercado de trabalho e para a construção de uma sociedade mais diversa e inclusiva.

A obra "O Pacto da Branquitude" foi escolhida por apresentar uma linguagem acessível e grande relevância social e educacional. O livro discute os acordos silenciosos que sustentam os privilégios e desigualdades raciais no Brasil, revelando como o racismo se mantém estruturalmente por meio da autoproteção dos grupos brancos. Como afirma Bento (2022, p. 18), "esse pacto da branquitude possui um



componente narcísico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’." A leitura dessa obra permitiu que os participantes refletissem sobre seus próprios lugares sociais e percebessem como o racismo atravessa instituições e práticas cotidianas, inclusive a escola.

Durante os encontros, foram discutidos os três primeiros capítulos da obra, além da introdução, distribuídos entre os dias 29 de novembro e 5 de dezembro de 2023.



A seguir, apresenta-se um resumo dos temas trabalhados e das discussões geradas: A introdução do livro trouxe reflexões pessoais da autora, que compartilha episódios de racismo vividos ao longo de sua trajetória, mostrando como o racismo se manifesta de forma cotidiana e estrutural. Em um dos relatos, Cida Bento relembra uma situação ocorrida em sua infância, quando, após uma aula de história sobre a escravidão, um colega chamou meninos em situação de rua de “descendentes de escravos”, em tom debochado (Bento, 2022). Esse episódio despertou identificação entre os participantes do grupo, que também compartilharam experiências pessoais parecidas.

Seguindo para o capítulo 2, intitulado "Branquitude e colonização europeia", a autora relaciona a branquitude ao processo de colonização europeia, como apontado no título, destacando como o colonialismo construiu hierarquias raciais e econômicas que ainda moldam o mundo contemporâneo. Bento (2022, p. 29-30) afirma que "Os

beneficiários do colonialismo europeu não eram apenas as companhias e as famílias ricas (...). Todas as outras classes, até as mais pobres, também se beneficiaram da elevação de padrão de vida e da transferência do trabalho para as colônias." Essa discussão levou o grupo a refletir sobre como o racismo e a exploração de corpos negros continuam estruturando as relações de trabalho e a desigualdade social no Brasil. Como destaca a autora, "A monocultura para exportação e a escravidão, articuladas com a forma de ocupação das terras brasileiras pelos portugueses, definiram as raízes da desigualdade social, que teve seu início no século XVI e perdura até os dias atuais." (BENTO, 2022, p. 35).

Já no Capítulo 3, ultimo capítulo discutido, chamado "Capitalismo racial", a autora aborda o conceito, discutindo o eurocentrismo, o apagamento da história dos quilombos e a supremacia branca como fundamentos da modernidade ocidental. Cida Bento (2022, p. 38-39) lembra que:

A história dos quilombos (...) é omitida na historiografia oficial, possivelmente para não ferir a imagem de país da suposta democracia racial, ou ainda, para não reconhecer o protagonismo da população negra na história nacional. (...) o óbvio precisa ser lembrado, já que interesses podem moldar a cognição — e as sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer.

Essa reflexão levou os participantes a debaterem sobre a importância de recontar a história do país, reconhecendo o papel e as resistências negras.

O grupo de leitura veio também como um espaço onde discussões sobre racismo e antirracismo vão para além de disciplinas curriculares, possibilitando novas formas de vivenciar um mesmo assunto no ambiente universitário. Para além das atividades formais das disciplinas que compõem o curso, o grupo visou promover um ambiente de partilha, interesse e reflexão, no qual as discussões foram exploradas a partir de leituras mais leves, prazerosas e participativas, sempre sendo articulada com as experiências vivenciadas pelos estudantes.

É interessante salientar que os cursos de licenciatura se mostraram mais presentes nas discussões promovidas pelo grupo de leitura. Esse dado evidencia que temáticas como a abordada pelo grupo têm grande destaque na formação de professores, visto que, em decorrência do eixo previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o assunto é trabalhado como disciplina obrigatória na grade curricular.

Durante os debates, observou-se que os participantes expressaram suas vivências pessoais, familiares e profissionais, relacionando-as com as discussões trazidas pela



leitura de "O pacto da branquitude" (BENTO, 2022). Essa troca foi fundamental para ampliar a compreensão sobre o papel dos futuros docentes na construção de práticas pedagógicas antirracistas.

Reflexões, questionamentos e discussões sobre como o estudante de graduação e futuro docente branco se posicionam frente às essas pautas também se destacaram durante nossas discussões. O grupo criou um espaço de troca, leitura consciente e diálogo positivo em relação a como esses futuros educadores brancos se portam e lidam com os mecanismos de racismo que permeiam nossa sociedade e ambiente escolar. Nesse contexto, Cida Bento (2022, p.13) relata uma vivência em sua época escolar:

Na escola, quantas vezes percebi aos professores enaltecerem o esforço de minhas colegas brancas — como eles — de forma afetuosa, enquanto eu ficava sempre às margens, por estar afastada do modelo que eles valorizavam. minha presença só se fazia notar como exemplo negativo. (...) Decidi cursar o magistério. desejava ser professora, uma diferente das que tive.

Os resultados obtidos a partir do grupo de leitura "Educação e Transgressões" revelam a potência formativa e transformadora dessa experiência. Os encontros, realizados com estudantes de diferentes cursos de licenciatura e bacharelado, possibilitaram a construção de um espaço de diálogo, escuta e reflexão crítica sobre as estruturas do racismo e os privilégios da branquitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos debates que aconteceram nos encontros, percebemos alguns pontos que se destacaram. Primeiro a formação docente e consciência racial. Os debates contribuíram para o desenvolvimento de uma postura crítica sobre o racismo estrutural e o papel do professor na sua desconstrução. Outro ponto que se destacou foram as vivências pessoais compartilhadas pelos participantes, que relacionaram suas trajetórias às reflexões sobre o livro estudado. O ato de se reconhecer nas leituras e discussões contribuiu significativamente para uma compreensão mais profunda das ideias apresentadas pela autora.

E por fim, outro ponto que se destacou, foi a docência como prática de liberdade. Essa categoria reflete a compreensão de que ensinar é um ato político e libertador e conforme afirma hooks (2017, p. 25), "ensinar de um jeito que respeite e proteja as



almas dos nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo". Essa concepção esteve presente nos diálogos do grupo.

Os encontros também se mostraram condizentes com a perspectiva de formação reflexiva do professor, como afirma Pimenta (1999, p. 30), "produzir a profissão docente é saber que o que ele faz não é apenas transmissão de conhecimentos, mas também a construção de identidades e saberes específicos". O grupo de leitura, portanto, atuou como um espaço de formação, onde os participantes puderam refletir sobre suas práticas, repensar valores e fortalecer uma identidade docente crítica e comprometida.

Além disso, a atividade contribuiu para formação de professores antirracistas, que é uma maneira de formar também uma nova sociedade, mais justa e consciente. A educação, como lembra hooks (2017, p. 13), "aumenta nossa capacidade de ser livres", e essa liberdade irá existir quando rompermos com os pactos de silenciamento e exclusão que sustentam o racismo, tema discutido no livro escolhido para o grupo de leitura.

Em síntese, o grupo de leitura, com o diálogo entre teoria e prática, promoveu não só encontros para discussões acadêmicas, mas também a formação ética e política dos participantes, além da prática de escuta ativa entre professor e grupo. Como observa Paulo Freire (2014, p.118): "Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro (...) não posso evidentemente escutá-los, e se não os escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo de entendê-los." Essa reflexão reforça a importância da escuta como prática pedagógica e política. A partir do estudo do livro "O pacto da branquitude" foi possível compreender que a formação docente comprometida com o antirracismo é um caminho de transformação social.

REFERÊNCIAS

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. [s.l.] Companhia das Letras, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2014.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.



PIMENTA, S. G. Formação de professores, identidade e saberes da docência. In: Pimenta, Selma Garrido. (org). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

